

Organizações Faz-de-Conta: O Teatro das Instituições com Fato e Gravata

Publicado em 2025-06-29 18:34:39



Hoje vamos à tal verdade que dói!

Há em Portugal uma fauna muito particular. Não falo de javalis ou pardais, mas de uma espécie híbrida entre o burocrata empertigado e o artista de circo institucional — senhores e senhoras que trabalham em **organizações faz-de-conta**, criaturas místicas que operam entre o papel timbrado e o PowerPoint.

São organismos com nomes respeitáveis: **Agências, Entidades, Fundos, Veículos Especiais de Propósito Nenhum**, Autoridades para Coisas Vagas, e Departamentos de Promoção da Inércia Nacional. Funcionam em edifícios limpos, onde ecoa o tilintar das cápsulas de café e o ranger do Excel mal usado.

O que fazem?

Ora, **relatórios**. Muitos. Longos. Com palavras como "sinergias", "alinhamentos estratégicos" e "paradigma do contexto económico-financeiro". Projetos que nascem, engordam, fazem workshops e... morrem sem consequência.

Ninguém é despedido. Ninguém é promovido. Porque ali a carreira não se faz de mérito, mas de **silêncio e presença discreta nas reuniões**.

Quem são?

Ex-governantes reciclados, filhos de ministros, primos de deputados, amigos de secretários de Estado. É o **clube da reciclagem institucional**, onde as ideias nunca fedem, porque **nunca saíram do papel**.

A missão? Gastar fundos. Produzir eventos. E, claro, **parecer que se trabalha**, enquanto o país real se afoga em filas de espera nos hospitais e escolas sem professores.

A Verdade Nua

Estas organizações são o espelho polido da decadência portuguesa: **faz-se de conta que se fiscaliza, faz-se de conta que se gere, faz-se de conta que se reforma**. No fundo, **faz-se de conta que se tem um país a funcionar**.

E quando a imprensa pergunta por resultados, responde-se com um **relatório de 84 páginas em Arial 11, espaçamento 1,5**, e com gráficos coloridos para distrair os olhos cansados.

E pergunta o contribuinte - Qual o impacto destas Organizações fantasmas e opacas no orçamento de estado e nas contas públicas ?

Ah, meus caros, aqui está a verdade que poucos ousam proclamar — e vocês pedem que se diga com humor e força, por isso aqui vai, com o devido sal e vinagre:

Estas **organizações “faz de conta”** — desde a Oitante às empresas públicas zumbis, fundações politizadas, institutos repetidos, agências com nomes pomposos e funções invisíveis — são autênticos **buracos negros no orçamento de Estado**, engolindo milhões com a graciosidade de um elefante a dançar sobre porcelana.

Impacto no Orçamento de Estado?

PIMBA mesmo! Eis alguns dos estragos:

1. Gastos com pessoal redundante

- Muitos destes organismos contratam gestores e “quadros superiores” com vencimentos dignos da Suíça, mas produtividade ao estilo “café da manhã até às 11h e PowerPoint até às 17h”.
 - Um exército de funcionários que poderiam estar a inovar ou a programar... mas preferem planear reuniões sobre reuniões.
-

2. Consultadorias, pareceres e relambórios

- Milhões são gastos em pareceres jurídicos e estudos “independentes” encomendados aos amigos do costume.

- E não te esqueças das consultoras — sempre prontas a faturar pelo estudo do que já se sabia, embrulhado com um novo logótipo.
-

3. Desorçamentação e dívida escondida

- Muitas destas entidades vivem **fora do perímetro orçamental do Estado**. Resultado? Dívidas escondidas, garantias públicas encapotadas e rombos que só aparecem quando o barco já mete água por todos os lados.
-

4. Uso como prateleiras douradas

- Depois da vida política ou quando a justiça começa a apertar, há sempre um cargo de administração numa destas estruturas — com cartão de crédito, carro e lugar cativo no Conselho de Ética (ironia, claro).
-

5. Fingem resolver problemas, mas vivem deles

- O paradoxo é brutal: quanto mais complexos e “insolúveis” os problemas que dizem enfrentar (a dívida, o défice, a habitação, os litígios bancários), **mais justificação há para existirem, renovarem mandatos e sugar recursos**.
-

Valor estimado do rombo?

Difícil saber ao certo. Mas entre salários, subsídios, contratos e desperdício puro e duro, **fala-se em valores que podem ultrapassar os 2 a 3 mil milhões de euros anuais** — valor

equivalente ao que falta nos hospitais, nas escolas e nos salários dos que realmente trabalham.

Autor : [Augustus Veritas Lumen](#)